

A decolonialidade em conceitos e exposta na 60ª bienal de arte de Veneza

Decoloniality in Concepts is Featured at the 60th Venice Art Biennale

Fabiana Iolanda do Nascimento^(*1)
Marcos Rizolli^(*2)

RESUMO:

Este artigo explora o impacto da decolonialidade nas práticas artísticas contemporâneas, com foco na 60ª Bienal de Arte de Veneza, Pavilhão da Espanha intitulado 'Pinacoteca Migrante'. O objetivo é analisar como a decolonialidade é expressa em obras selecionadas, destacando suas contribuições para a crítica às estruturas de poder coloniais. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem interdisciplinar, combinando análise crítica de obras de arte e revisão bibliográfica. Os resultados evidenciam que a decolonialidade na Bienal se manifesta por meio de narrativas que ressignificam histórias silenciadas.

Palavras-chave: Decolonialidade; Bienal de Veneza; Colonialismo; Pinacoteca Migrante; Histórias Silenciadas; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT:

This article explores the impact of decoloniality on contemporary artistic practices, focusing on the 60th Venice Biennale of Art, specifically the Spanish Pavilion titled 'Migrant Pinacotheca.' The aim is to analyze how decoloniality is expressed in selected works, highlighting their contributions to the critique of colonial power structures. Methodologically, the research adopts an interdisciplinary approach, combining critical analysis of artworks with a literature review. The findings demonstrate that decoloniality at the Biennale is manifested through narratives that reframe silenced histories.

Keywords: Decoloniality; Venice Biennale; Colonialism; Migrant Pinacotheca; Silenced Histories; Interdisciplinarity.

¹ (*) Mestranda em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, fabiana.nascimento@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/3500764911332730>.

² (*) Doutor em Comunicação e Semiótica, Universidade Presbiteriana Mackenzie, rzzl@uol.com.br, <http://lattes.cnpq.br/4808339542698874>.



O que é Decolonialidade

Decolonialidade é um termo que se refere a um conjunto de práticas, estudos, pesquisas e conceitos que têm como objetivo diminuir ou reverter os efeitos da colonização em sociedades que foram colonizadas como os países latinos, africanos, muitos asiáticos, e a oceania. (BARBOSA, 2024)

A decolonialidade é uma crítica ao capitalismo e à modernidade, e é considerada uma forma de resistir e desconstruir padrões, perspectivas e conceitos impostos a povos subalternizados. A partir da colonização da maioria dos países no mundo, as culturas locais, indígena do Brasil, por exemplo, foram submetidas à cultura eurocêntrica. (BARBOSA, 2024); (AVILA, 2021)

Os povos nativos foram tratados como excêntricos ou exóticos em comparação ao padrão europeu, mas dentro de um ponto de vista de redução de valor do que era não usar as mesmas vestimentas da Europa, comer o mesmo tipo de comida, morar numa maloca e ser um povo ainda intacto as epidemias.

A decolonialidade busca valorizar os saberes de grupos, comunidades e indivíduos subalternizados, e produzir formas de conhecimento que não sigam a lógica da colonialidade. (ZEIFERT, 2019)

Na arte, os movimentos decoloniais procuram desafiar hierarquias, promovendo e legitimando a arte produzida por comunidades marginalizadas. (HERRERA, 2024); (ORTIGARA, 2016)

Os estudos decoloniais propuseram quatro conceitos principais: colonialidade do gênero, da natureza, do ser e do saber.

A colonialidade de gênero

A colonialidade do gênero é um conceito que analisa como o colonialismo europeu influenciou as estruturas de gênero dos povos indígenas das Américas. O conceito foi desenvolvido pela filósofa argentina Maria Lugones, com base no conceito de colonialidade do poder de Aníbal Quijano. (CARVALHO; 2023)

A colonialidade do gênero é usada para explicar como o feminicídio moderno está relacionado à colonização europeia. O conceito também é utilizado para descrever experiências coloniais em sociedades africanas e asiáticas. (CARVALHO; 2023)

A colonialidade do gênero é uma realidade do mundo moderno colonial que inferioriza pessoas, destituindo a existência humana. A colonialidade do gênero é um dos níveis da “colonialidade do poder”, que também inclui o controle econômico, da autoridade, do conhecimento e da subjetividade. (CARVALHO; 2023)

A colonialidade do gênero é um conceito que desafia a ideia de que o gênero pode ser isolado dos impactos do colonialismo. (CARVALHO; 2023)

A colonialidade da natureza

A colonialidade da natureza é uma expressão que ajuda a entender como a ideia moderna de natureza foi utilizada para dominá-la e subjugar-la. Ela é um paradigma decolonial que demonstra como essa dinâmica foi fundamental para a supremacia da civilização ocidental. (DINIZ; 2023)

A colonialidade é um conceito que está relacionado à modernidade e que se manifesta em diversas dimensões, como o poder, o saber e o ser. A colonialidade do poder, por exemplo, está relacionada à criação da ideia de raça, que foi usada para naturalizar a inferioridade dos colonizados em relação aos colonizadores. (CARVALHO; 2023)

A colonialidade da natureza pode ser caracterizada por:

- Instrumentalização da natureza,
- Ocultamento dos povos colonizados,
- Valorização da ciência e dos conhecimentos europeus,
- Domesticação da natureza selvagem,
- Comotidização dos territórios protegidos,
- Desterritorialização dos povos,

A colonialidade foi responsável pela exclusão de grupos sociais não europeus, como indígenas e negros, da participação na sociedade. (CARVALHO; 2023)

A colonialidade do ser

A colonialidade do ser é um conceito que se refere à experiência da colonização e ao seu impacto na linguagem. Ela é uma forma de desumanização, que se manifesta em várias dimensões da vida social, como a cultura, a política, a economia, o conhecimento e as relações de gênero e raça. (AVILA, 2021)

A colonialidade do ser é caracterizada por:

- Uma lógica de relação colonial que permanece entre os diferentes grupos humanos, os saberes, os modos de vida e os Estados-Nação, mesmo após o fim do colonialismo,
- A submissão de povos subalternizados como inferiores, negando-lhes a racionalidade, a intelectualidade e a capacidade,
- A perda de valores, identidades e costumes, devido ao sentimento de não pertencimento e inferioridade,
- A introdução da lógica colonial na experiência e concepções de tempo e espaço, bem como na subjetividade,
- A discriminação de pessoas e o apagamento de histórias, mantendo apenas a do colonizador. (AVILA, 2021)

A colonialidade do saber

A colonialidade do saber é um conceito que se refere à forma como o conhecimento eurocêntrico se tornou hegemônico no mundo, negando ou invisibilizando o conhecimento produzido por países marginalizados. (AVILA, 2021)

A colonialidade do saber é caracterizada por:

- Tentativas de projetar as experiências da Europa para o resto do mundo, como se fossem universais,
- Exclusão de diversas formas de saberes do que pode ser considerado "conhecimento",
- Estruturação de uma ideia de conhecimento científico que é mantida nas universidades,
- Estabelecimento de critérios de cientificidade e universalidade que alicerçam o pensamento disciplinar. (AVILA, 2021)

Este artigo conceitua basilaramente sobre os tipos de colonialidades frontalmente ao trabalho da Artista hispano peruana Sandra Gamarra e seu Pavilhão intitulado "Pinacoteca Migrante" Bienal de Veneza/ 2024.

A Pinacoteca Migrante

A Pinacoteca Migrante foi um projeto da artista hispano peruana Sandra Gamarra Heshiki na 60ª Bienal de Veneza, que decorreu entre 20 de abril e 24

de novembro de 2024.

O projeto esteve instalado no pavilhão espanhol da Bienal.

A exposição investiga a ausência de narrativas decoloniais nos museus, revelando as representações tendenciosas de colonizadores e colonizados.

Gamarra utiliza pinturas desde a era do Império até o Iluminismo como ponto de partida, analisando a relação entre colonizadores e colonizados.

A exposição combina artes plásticas com citações ecofeministas e modificações de ilustrações de arquivos reais.

A 60ª Bienal de Veneza teve como tema “Foreigner Everywhere” (Estrangeiros em todos os lugares) e deu visibilidade a artistas de grupos marginalizados como indígenas, imigrantes e refugiados.



Figura 1. Cuando las calles hablan, obra da Artista Sandra Gamarra. **Fonte:** Acervo pessoal – 60ª Bienal de Veneza – Pavilhão Espanha.

Sandra Gamarra tornou-se a primeira artista migrante a representar a Espanha na Bienal de Veneza em mais de um século de participação do país no evento. Sua abordagem crítica desafiou a tradição pictórica e museológica espanhola, revelando o museu como uma instituição hegemônica que narra grandes histórias por meio de métodos de apresentação considerados "universais",

independentemente do contexto representado.

A obra Pinacoteca Migrante foi concebida como uma subversão da ideia de uma "Pinacoteca Histórica de Arte Ocidental". Fazendo referência ao eurocentrismo que permeia a criação de museus, Gamarra expandiu o conceito de "migração" para incluir não apenas seres humanos, mas também plantas e matérias-primas, que frequentemente foram forçadas a atravessar fronteiras em ciclos de ida e volta. Assim, o modelo hegemônico ocidental de pinacoteca, exportado para antigas colônias, é invertido, apresentando narrativas historicamente silenciadas, cujos protagonistas – migrantes humanos e não humanos – ganham destaque.

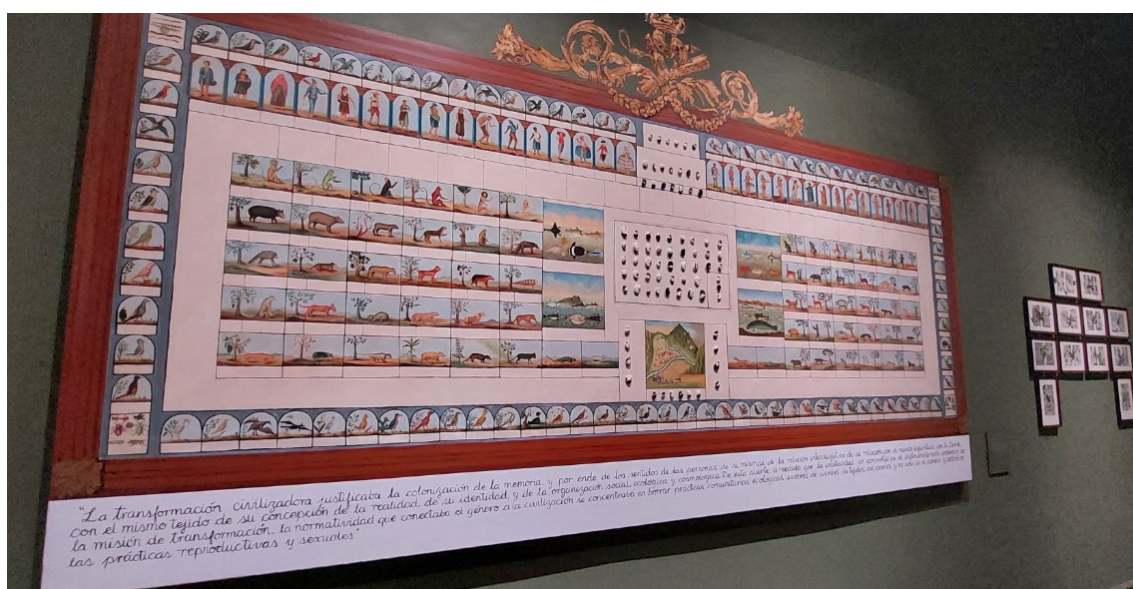


Figura 2. Obra da Artista hispanoperuano Sandra Gamarra. **Fonte:** Acervo pessoal – 60ª Bienal de Veneza – Pavilhão Espanha.

Por meio de apropriações pictóricas baseadas na análise de mais de 150 pinturas e objetos pertencentes ao patrimônio das coleções e museus estatais da Espanha, desde o período imperial até o Iluminismo, Pinacoteca Migrante examinou as estruturas sistêmicas das artes. Essa revisão expôs o viés com que colonizadores e oprimidos têm sido representados, enquanto destacava a ausência de narrativas decoloniais. A obra entrelaça sociologia, política, história da arte e biologia, reexaminando consequências históricas frequentemente ignoradas, mas que ainda reverberam em nossa contemporaneidade.



Figura 3. Obra da Artista hispanoperuano Sandra Gamarra. **Fonte:** Acervo pessoal – 60ª Bienal de Veneza – Pavilhão Espanha.

Nas primeiras cinco salas perimetrais, Gamarra utilizou gêneros clássicos da pintura – como paisagem, retrato, naturezas-mortas, ilustração científica e botânica – para evidenciar como essas formas artísticas serviram como ferramentas políticas que sustentam construções monolíticas de Estados-nação, frequentemente à custa da destruição de outras formas de organização social. A narrativa apresentada na Pinacoteca Migrante explora um ciclo contínuo de construção e deterioração, exibindo obras em processo ou em permanente restauração. Essas peças funcionam como metáforas para as responsabilidades institucionais, sugerindo que a história nunca pode ser fixada e que o presente ocidental permanece indissociável das feridas coloniais.



Figura 4. Obra da Artista hispanoperuano Sandra Gamarra. **Fonte:** Acervo pessoal – 60ª Bienal de Veneza – Pavilhão Espanha.

O percurso culmina no Jardim Migrante, que propõe uma contra-narrativa ao museu tradicional. Este espaço simboliza uma restituição aos sujeitos historicamente invisibilizados e busca desconstruir as estruturas e representações que perpetuam hierarquias coloniais. Além disso, o projeto revisita protocolos de acessibilidade, diversidade e sustentabilidade, sugerindo uma nova institucionalidade alinhada aos desafios contemporâneos relacionados ao racismo, sexismo, migração e extrativismo.



Figuras 5 e 6. Obras da Artista hispanoperuano Sandra Gamorra. **Fonte:** Acervo pessoal – 60ª Bienal de Veneza – Pavilhão Espanha.

De acordo com esta exposição evidencia-se que a Espanha demonstra interesse em esclarecer a crise que passa os museus eurocêntricos em ter enaltecido em larga escala apenas a arte do velho continente. Sandra Gamorra quebrou paradigmas, enaltecendo a arte de países colonizados a partir de quadros europeus. Genial! A Bienal de Veneza 2024 demonstrou a decolonialidade como vanguarda mundial.

Bibliografia

AVILA. Milena Abreu. **Colonialidade e Decolonialidade: você conhece esses conceitos?** Politize - Básico da Política. São Paulo: 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/colonialidade-e-decolonialidade/#:~:text=A%20decolonialidade%20%C3%A9%20considerado%20como,%C3%A0%20modernidade%20e%20ao%20capitalismo.> Acesso: 28/11/2024.

BARBOSA Alexandre. A. **O que é decolonialismo?** Escola de Comunicação e Artes USP. São Paulo: 2024. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/noticias/o->

